

MARIA NA CONFERÊNCIA DE APARECIDA

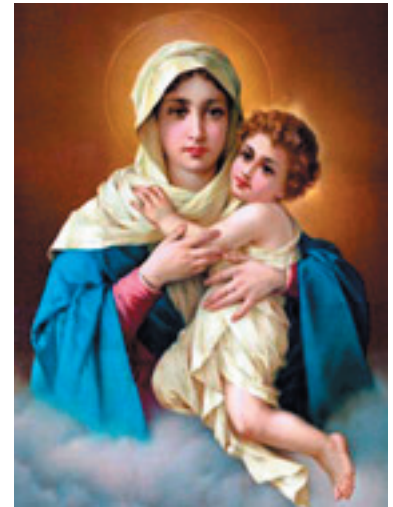
Pe. Ms. Alexandre Awi Mello, ISch

Contribuição à Revista Teológica Pastoral do Norte do Paraná (Vol. 2 - Ano 2007)

Esquema:

Introdução

1. Impulso mariano de Bento XVI
Escolha do Santuário de Aparecida
“Permaneeci na Escola de Maria”
 2. Preparação mariana para a V Conferência
Congresso Mariológico Latino-americano
Simpósio Brasileiro de Pastoral Mariana
Documentos de Participação e de Síntese
 3. Conferência de Aparecida: um acontecimento mariano
 4. Maria no Documento de Aparecida
Maria, a perfeita discípula
 - 4.1.1 Porque é a primeira discípula de Jesus
 - 4.1.2 Porque acompanha Jesus em toda a obra da salvação
 - 4.1.3 Porque inspira discípulos
Maria, a grande missionária
 - 4.2.1 Porque coopera ativamente na missão de seu Filho
 - 4.2.2 Porque recebeu uma missão: ser mãe de Cristo e dos seus discípulos
 - 4.2.3 Porque forma missionários
- Conclusão: Envio a um futuro mariano



Introdução

A V Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), acontecida de 13 a 31 de maio de 2007, no Santuário Nacional de Aparecida, esteve profundamente marcada pela presença de Maria, a Mãe de Jesus e nossa Mãe. Tal presença não se limita às relativamente exíguas 28 vezes que seu nome aparece no documento final da Conferência. Seria um grave erro reduzir a compreensão desta presença somente a uma análise de textos. A perspectiva mariológica esteve muito presente antes da Conferência, permaneceu intensa durante a mesma e precisa continuar marcante se a Igreja da América Latina e do Caribe deseja levar adiante todos os impulsos deste importante acontecimento eclesial.

A presente reflexão quer ser uma primeira aproximação ao tema que, certamente, poderá ser aprofundado em futuros estudos mariológicos. Minha perspectiva, além de teológica, é também a de alguém que teve a graça de testemunhar alguns passos importantes do processo de construção mariológica da V Conferência, como foram o I Simpósio Brasileiro de Pastoral Mariana, em Belém do Pará, em fevereiro de 2007, e os trabalhos de secretaria e tradução na Comissão de Redação durante a própria Conferência de Aparecida.

1. Impulso mariano de Bento XVI

Para um bom observador dos acontecimentos em torno à V Conferência não passou despercebido o fato de que o Papa tenha escolhido o Brasil e, em particular, o santuário mariano de Aparecida como sede da mesma. Suas alocuções durante a visita imediatamente anterior ao evento foram também um importante impulso para terminar de criar o ambiente necessário para a reflexão teológica que se seguiria.

1.1 Escolha do Santuário de Aparecida

É conhecido o fato de que o Papa Bento XVI, poucas semanas depois de ter iniciado seu pontificado, manifestou-se plenamente favorável à realização da V Conferência, que já vinha sendo preparada pelos nossos bispos desde o pontificado anterior. Fez, porém, duas observações muito inspiradoras: primeiro ele acrescentou ao lema a palavra “nele”, juntamente com a frase bíblica de Jo 14,6; e, além disso, expressou claramente sua vontade – para surpresa dos bispos – de que a Conferência se realizasse em Aparecida, o que justificou pelo fato de se tratar de um grande santuário mariano.

Acredito que não falseamos a intenção do Santo Padre se interpretamos que, com suas intervenções, ele estava querendo indicar um caminho claro para o nosso Continente: se queremos ser discípulos e missionários para que nossos povos tenham vida, isto deve acontecer nele e nela; em íntima comunhão com ele, Jesus, e com ela, Maria.

A intenção do Papa corresponde ao mais puro sentimento religioso dos nossos povos, que são espontaneamente cristãos e marianos. Sua religiosidade, nem sempre conscientemente refletida, testemunha um sentido especial para unir Maria a Jesus, e vice-versa. Convocar a assembléia dos bispos em um santuário mariano foi uma demonstração de clara sintonia com a alma religiosa latino-americana. Voltar-se a Maria é voltar-se às raízes da fé cristã em nosso Continente, para que, fiéis às origens, possamos enfrentar com segurança o difícil futuro que nos desafia.

1.2 “Permaneço na Escola de Maria”

Os participantes da V Conferência estiveram muito atentos não somente ao Discurso Inaugural do Papa Bento XVI, citado 44 vezes no documento final, mas ao conjunto dos discursos pronunciados por ele durante sua visita ao Brasil, que antecedeu essa inauguração. Já nos primeiros dias de trabalho, os bispos tinham consciência – e neste sentido se manifestaram vários deles na sala plenária – de que contavam fundamentalmente com três grandes fontes de textos inspiradores para a reflexão que fariam durante a conferência: o “Documento de Síntese”, elaborado pelo CELAM a partir das contribuições enviadas por todas as Conferências Episcopais do Continente ; os informes iniciais apresen-

tados na sala plenária pelas Conferências Episcopais, pelos Dicastérios Romanos, e pelos representantes de comunidades eclesiais, organizações e seguimentos presentes; e os discursos do Romano Pontífice proferidos naqueles dias. Entre eles se encontra o discurso por ocasião da reza do Santo Rosário na Basílica de Aparecida no dia 12 de maio.

Na sua alocução, o Papa compara a reunião dos fiéis no Santuário de Aparecida à cena bíblica do Cenáculo, na qual os Apóstolos, juntamente com Maria, “subiram para a sala de cima”, e ali “unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração” (At 1,13-14). Nesta alocução o Papa indica o caminho que deverá ser percorrido pela V Conferência que, a partir do dia seguinte, se reuniria naquele mesmo lugar: “Hoje é ela que orienta a nossa meditação; ela nos ensina a rezar. É ela que nos mostra o modo como abrir nossas mentes e os nossos corações ao poder do Espírito Santo, que vem para ser transmitido ao mundo inteiro. (...) Maria Santíssima, a Virgem Pura e sem Mancha é para nós escola de fé destinada a conduzir-nos e a fortalecer-nos no caminho que leva ao encontro com o Criador do Céu e da Terra. O Papa veio a Aparecida com viva alegria para vos dizer primeiramente: ‘Permaneço na escola de Maria’. Inspirai-vos nos seus ensinamentos, procurai acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, vos envia lá do alto.” Ele indicava, assim, aos participantes da V Conferência, que o escutavam atentamente, sentados em círculo nos assentos imediatamente mais próximos ao presbitério da Basílica, o caminho que deviam seguir em seus trabalhos: “Permaneço na escola de Maria”. E foi o que os bispos fizeram.

Nesse discurso o Papa define o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida como “Morada de Deus, Casa de Maria e Casa de Irmãos”, recordando que ele, naqueles dias se transformaria também em sede da V Conferência. Teologicamente relevante é a associação que o Papa faz entre a Casa de Maria e a Igreja. Ele diz que veio a Aparecida para recordar-nos o sentido da nossa pertença à Igreja, insistindo que “a Igreja é nossa Casa! Esta é nossa casa!” A Casa de Maria, a Igreja, é a nossa casa. Maria, com sua atitude acolhedora e maternal, ajuda a fazer da Igreja “casa e escola de comunhão”, como indicou João Paulo II na sua célebre Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte . Como na família humana, a casa é o lugar da primeira “escola” de vida. A Casa de Maria, “Pedagoga

do Evangelho”, é portanto, a escola para a formação de discípulos e missionários de Jesus, como os bispos afirmaram durante a Conferência. O Papa indica, assim, estar consciente da importância simbólica daquele lugar, já que para aquela “Basílica Mariana (...) neste tempo, convergem os olhares e as esperanças do mundo cristão, de modo especial da América Latina e do Caribe!” No dia seguinte, na missa inaugural da Conferência o Papa retorna ao tema da sacralidade daquele lugar e o compara novamente ao Cenáculo: “Considero um dom especial da Providência que esta Santa Missa seja celebrada neste tempo e neste lugar. (...) O lugar é o Santuário nacional de Nossa Senhora Aparecida, coração mariano do Brasil: Maria nos acolhe neste Cenáculo e, como Mãe e Mestra, nos ajuda a elevar a Deus uma prece unânime e confiante. Esta celebração litúrgica constitui o fundamento mais sólido da V Conferência.”

2. Preparação mariana para a V Conferência

Puebla já havia afirmado que “sem Maria desencarnasse o Evangelho” e que, portanto, para evangelizar na raiz da nossa cultura, a Igreja deveria voltar-se “para Maria, para que o Evangelho se torne mais carne, mais coração na América Latina”. Voltar-se para Maria foi a atitude do CELAM ao convocar um “Encontro Continental de Pastoral Mariana” (e “Congresso Teológico-Pastoral Mariano”), na cidade do México, de 27 de setembro a 1º de outubro de 2006. Estimulada pelos excelentes resultados desse evento, a CNBB, através do Centro de Cultura e Formação Cristã (CCFC) da Arquidiocese de Belém do Pará, convocou o “Simpósio Brasileiro de Pastoral Mariana”, de 9 a 11 de março de 2007. Estes acontecimentos marcaram o clima de preparação mariana para a Conferência de Aparecida, o que se viu refletido também na “Síntese” elaborada pelo CELAM com as contribuições recebidas de todo o Continente.

2.1 Encontro Continental de Pastoral Mariana

Aconteceu em Cuautitlan-Izcalli, nas proximidades do Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, com a presença de 140 congressistas, que elaboraram conclusões e propostas para a V Conferência. Apesar da lamentavelmente escassa presença brasileira, o encontro marcou um dos fortes momentos de reflexão teológica prévios a Aparecida. Parece-me importante destacar três palestras proferidas por ocasião desse Encontro: “Ma-

ria, mãe e discípula, formadora dos discípulos e missionários de Jesus Cristo, na teologia pós-conciliar”, de um dos maiores mariólogos da atualidade, o Pe. Stefano De Fiores; “Orientações pastorais para iluminar e impulsionar a pastoral mariana”, do Pe. Francesco Pettrillo, OMD, de quem tive a alegria de ser aluno durante meus estudos teológicos na PUC do Chile; e “Maria Educadora de discípulos e missionários na pastoral da América Latina e do Caribe”, do mariólogo e pastoralista Pe. Joaquín Alliende Luco, ex-Reitor do Santuário Nacional de Maipu, no Chile.

Os três estudos apresentam perspectivas complementares e muito sugestivas. A partir de uma sólida fundamentação bíblica, a palestra do Pe. De Fiores apresenta o discipulado de Maria como um enfoque novo, próprio da mariologia pós-conciliar, já que até então era mais acentuado o aspecto da sua maternidade. Afirmar que a Mãe de Jesus é discípula de seu Filho, significa indubitavelmente “contemplar Maria de outra maneira”. O autor apresenta o itinerário discipular de Maria em seu aspecto sincrônico e diacrônico. Ela crê no anúncio do anjo, penetra progressivamente no mistério de Cristo, é chamada a ser sua discípula, tornando-se a “proto-discípula” e tipo dos discípulos do Senhor, permanecendo como tal após a Páscoa, quando se destaca seu caráter missionário. O autor recorda que, mesmo sendo o ícone de uma Maria missionária estanho ao imaginário coletivo dos cristãos, todavia ele está em conformidade com os dados neo-testamentários, que fazem dela, naturalmente depois de Cristo consagrado e enviado ao mundo (cf. Jo 10,36) e em comunhão com os apóstolos, a primeira e mais alta expressão da Igreja evangelizadora.

A perspectiva seguida pelo Pe. Francesco Pettrillo, um dos peritos presentes em Aparecida e ativo colaborador no desenvolvimento do texto mariológico da V Conferência, foi bastante original: ele sugere que a pastoral mariana siga “a trilha de José de Nazaré”. Inspirado no texto evangélico de Mt 1,18-25, o discípulo, a exemplo de José, deve colocar-se diante do mistério da Virgem Maria, tendo um encontro pessoal com ela (orientação pastoral do encontro e da pergunta), não deve ter medo de acolhê-la em sua casa (orientação pastoral da acolhida e da profecia), para tornar-se, como Maria, ministro da salvação (orientação pastoral do serviço e da missão).

De grande valor teológico-pastoral é também a reflexão

do Pe. Joaquín Alliende Luco, testemunha ocular das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, e convidado à V Conferência como atual Assistente Eclesiástico Internacional da instituição alemã “Ajuda à Igreja que sofre”. Em sua palestra no Encontro Continental de Pastoral Mariana, ele apresentou cinco teses pastorais, que devido a sua densidade teológica não poderão ser desenvolvidas aqui. Aproveito, contudo, para enunciá-las como uma forma de “abrir o apetite” para estudos posteriores que, infelizmente, nem mesmo no Documento de Aparecida chegaram a ser devidamente recepcionados.

Sua primeira tese de pastoral mariana indica que o selo mariano da Igreja deveria colorir toda a sua ação pastoral. A segunda tese apresenta a feminilidade redimida e trinitária de Maria como um instrumento privilegiado para um novo humanismo, pelo qual clamam os sinais dos tempos. A terceira tese pastoral recorda que Maria Educadora tem o carisma materno de mediação, educando as pessoas para um “conhecimento vital de Cristo”, conduzindo-as a amar o Deus vivo e os homens com todo o coração. A quarta tese esclarece que as verdades de fé sobre Maria, a realidade de sua pessoa e de seu mistério, para serem assumidas vitalmente, necessitam de autênticas vivências marianas, pois a educação mariana se realiza por vivências pessoais e comunitárias de Maria. E o autor conclui com uma quinta tese de pastoral mariana, que aponta um caminho pedagógico: da vivência mariana devem surgir vínculos profundos e afetivos a pessoas, lugares e idéias saturadas de valor. O acontecimento de Guadalupe é apresentado como modelo para uma pastoral de vinculações em tempos de crise e de mudança cultural na América Latina y no Caribe.

Além do rico conteúdo das palestras e dos trabalhos em grupo, os participantes do Encontro Continental de Pastoral Mariana destacaram o marcante “ambiente mariano” reinante naqueles dias, como pude escutar de alguns dos presentes. Um clima de unidade e integração familiar, próprio de uma autêntica vivência mariana (para usar a palavra acunhada na palestra do Pe. Alliende), claro prelúdio do que se desejava experimentar posteriormente em Aparecida.

2.2 Simpósio Brasileiro de Pastoral Mariana

À sombra do Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, que anualmente recebe milhões de peregrinos em seu

famoso “Círio”, e com o apoio da CNBB, aconteceu a recepção em nível nacional do impulso lançado no Encontro Continental realizado no México. Dom Orani João Tempesta, Arcebispo de Belém do Pará e um dos delegados brasileiros à V Conferência, convocou este evento que contou com a participação de mais de 300 pessoas. Encontramos aqui novamente ao Pe. Joaquín Alliende, que além da palestra anteriormente mencionada, tratou o tema da “Crise e a renovação da mariologia pós-Vaticano II e a América Latina”. Indicou com clareza alguns riscos da reflexão mariológica pós-conciliar (biblicismo, minimalismo, exemplarismo), apontando algumas razões para o “silêncio mariológico de Medellín”. Destacou também o valor das reflexões mariológicas magisteriais na Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (= MC) de Paulo VI, na Carta Encíclica *Redemptoris Mater* (= RM) de João Paulo II, e no Documento de Puebla, precisando também algumas lacunas a ser preenchidas na reflexão atual.

Merece destaque também a datalhada exposição histórico-teológica realizada pelo Pe. Dr. Eduardo Chávez Sánchez, Postulador da Causa de canonização de São Juan Diego e primeiro Reitor da Universidade Católica *Lumen Gentium* da Arquidiocese de México, com o título: “Jesus Cristo, centro do acontecimento guadalupano”. Também esteve presente a conhecida marióloga brasileira Ir. Dra. Lina Boff. Partindo da mística evangélica do *Magnificat*, a docente catedrática da PUC-RJ falou sobre “Maria e a mulher latino-americana”. Mostrou como o “núcleo duro” do *Magnificat* está dirigido aos pobres, inspirando uma mística de vigor, profecia, ética, militância e serviço solidário; já seu “núcleo terno” é dirigido aos excluídos, por cuja reabilitação Maria advoga, através de uma mística que proclama e descreve os feitos de Deus, alimentando a esperança do seu povo.

Também expuseram o Reitor da Academia Marial do Santuário Nacional de Aparecida, Pe. Vicente André de Oliveira, CSsR, e o então Secretário Geral da CNBB, Dom Odilo Scherer, entre outros. É difícil, porém, medir a influência direta de todas estas exposições no acontecimento de Aparecida. Mais que temas ou textos, destacável é o ambiente mariano gerado em torno à V Conferência e sua repercussão vital.

2.3 Documentos de Participação e de Síntese

Sem dúvida, a Conferência de Aparecida foi a grande

oportunidade para descobrir Maria como verdadeira discípula e grande missionária do Senhor. Já o Documento de Participação da V Conferência havia indicado que “em Maria encontramos todas as características do discipulado segundo o coração de Deus”. Ela foi – continua o documento – “antes de tudo, a primeira e mais perfeita discípula que desde a Encarnação gravou em seu coração o Evangelho (Lc 2,19)”. A tarefa que exerceu de mãe e mestra de Jesus em sua infância continua sendo ainda hoje para nós “ícone da Igreja que é Mãe e Família dos discípulos de seu Filho (...), imagem da ternura da Igreja que acolhe os discípulos de Jesus.” Contudo, à reflexão mariológica não se dedica um lugar próprio no esquema geral do Documento de Participação, deixando a impressão de um certo vazio mariológico.

Já no assim chamado “Documento de Síntese”, elaborado pelo CELAM a partir das contribuições recebidas de todos os lugares e setores eclesiais do Continente, encontram-se reflexões mais amplas e profundas sobre Maria como Mãe, discípula e missionária (n. 161-162), e como aquela que caminha junto a nossos povos, diante dos quais ela aparece como mulher de fé, mulher serviçal e solidária, mulher de esperança, mãe e formadora de discípulos e missionários (n. 187-192). Além disso, o Documento de Síntese conclui com três valiosos números (n. 362-364) sobre a Maria em sua relação com a Igreja que a tem por mãe e modelo do discípulo missionário que abre sua vida ao acontecimento salvífico trinitário, e inspiradora de itinerários pastorais e espirituais para que nossos povos, que tanto a veneram, tenham vida em Cristo. São em total onze parágrafos dedicados a Maria, indicando já uma tendência que se repetiria no documento conclusivo: Maria devia ter um lugar próprio dentro das reflexões de Aparecida.

3. Conferência de Aparecida: um acontecimento mariano

Como vimos, não foi casual o fato de que a V Conferência do CELAM tenha acontecido dentro de um Santuário Mariano. E não era um santuário qualquer, mas um grande centro de peregrinação e de vida religiosa. O Papa conscientemente havia escolhido esse local. As deliberações dos bispos não aconteceram, portanto, em um lugar pacato, isolado, longe do povo de Deus, como aconteceu em outras conferências. Pelo contrário, a força da religiosidade popular, e em especial da

devoção mariana, marcou o ambiente da Conferência. Pude testemunhar pessoalmente o impacto espiritual que causava nos participantes a convivência diária com centenas de fiéis que concorriam diariamente às belas celebrações litúrgicas, caprichosamente preparadas pelas equipes do CELAM e do Santuário de Aparecida. Especial impressão causaram os milhares de fiéis presentes no Santuário Nacional nos dois fins de semana abarcados pela Conferência: noventa mil e cem mil, respectivamente, segundo as estimativas do próprio Santuário; números considerados normais dentro do funcionamento habitual do mesmo.

Era impossível permanecer alheio a tamanha afluência de fiéis sem deixar-se tocar pelo peso e potencial evangelizador da religiosidade popular mariana. Todas aquelas pessoas estavam ali por causa de uma vivência pessoal que, em algum momento de suas vidas, tiveram com Nossa Senhora. Eram portadores e transmissores de vivências marianas. Conscientemente ou não, os bispos estavam mergulhados neste contexto mariano que os envolvia e os convidava a profundas vivências marianas, o que certamente teve reflexos no andamento dos trabalhos.

Porém Aparecida foi um acontecimento mariano não somente pelo ambiente exterior que invadia e passava o espírito da Conferência, mas a atmosfera mariana se pôde sentir também no nível das relações humanas, fraternas e de comunhão, que marcaram o desenvolvimento desta inesquecível reunião de cúpula do episcopado latino-americano e caribenho. Os bispos mais acostumados a este tipo de encontro podiam testemunhar que o espírito de comunhão, diálogo, tolerância e respeito, vivenciado nas salas e corredores dessa Conferência, não era algo que se podia dar por evidente, tendo mesmo faltado em algumas edições anteriores. Maria, mãe e modelo da Igreja, é artífice de comunhão entre seus filhos. É próprio de uma mãe intermediar tais valores para sua família, criando uma atmosfera familiar em torno a ela.

O que a própria Conferência veio a anunciar, foi antes uma vivência eclesial pessoal e comunitária experimentada pelos bispos em Aparecida: “Como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe, que confere ‘alma’ e ternura à convivência familiar. Maria, mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão.” Assim se explica e se entende melhor a profunda atmosfera de co-

munhão que se vivenciou na V Conferência, apesar de tantas diferenças ideológicas e culturais entre os participantes. Em outras palavras, também do documento final, se compreende ainda melhor este espírito mariano-familiar que marcou o encontro dos bispos: “Como mãe de tantos, (Maria) fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda os discípulos de Jesus Cristo a se experimentarem como família, a família de Deus.”

4. Maria no Documento de Aparecida

Tendo visto os preâmbulos e a ambientação geral, entremos a tratar agora o texto mesmo do documento conclusivo da V Conferência. Em geral, pode-se dizer que era intenção dos bispos, e em especial da Comissão de Redação, que Maria aparecesse como um tema transversal em todo o documento. A meu ver, tal transversalidade poderia ter sido muito mais acentuada. De fato, observe-se que, em um total de 554 parágrafos, o documento conclusivo menciona Maria em não mais de 25 parágrafos. Dedicada, contudo, um tópico inteiramente a ela em seu caráter de discípula e missionária (tópico 6.1.4, n. 266-272). Cabe ressaltar que entre as quatro redações sucessivas do documento, praticamente não há mudanças substanciais no conteúdo destes parágrafos. Isto significa que foram poucas as complementações ao primeiro texto mariológico apresentado pela comissão correspondente. Da segunda para a terceira redação foi um dos textos que recebeu menos “modi” (ou emendas). Ao mariólogo interessa, contudo, a pergunta sobre o porquê de tão poucas emendas. Em parte porque o primeiro texto deve ter sido considerado suficiente e completo. Em parte, porém, pode ser que a causa se encontre no fato de a mariologia continuar despertando pouco interesse na reflexão teológico-pastoral, também em nosso Continente. Talvez denote, ainda, uma falta de criatividade e ousadia inovadora nesta reflexão. Sem desconhecer o grande valor e a beleza do texto mariológico de Aparecida, minhas suspeitas recaem sobre estas últimas hipóteses. Somos um Continente mariano, mas que reflete – em nível teológico-pastoral – pouco sobre Maria.

Antes de entrar aos detalhes do conteúdo, cabe destacar o contexto literário em que se encontra o bloco mariológico dentro do texto conclusivo de Aparecida (n. 266-272). Ele aparece na segunda parte do documento, na qual se fala da “vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”, e dentro do contexto do caminho

de formação do discípulo missionário (capítulo 6), na perspectiva da espiritualidade do encontro com Cristo (tópico 6.1). A espiritualidade formadora de discípulos missionários deve partir sempre do encontro pessoal e comunitário com Cristo. O n. 245 traz a inquietante pergunta: “‘Mestre, onde vives?’ (Jo 1,38), onde encontramos de maneira adequada para abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade? Quais são os lugares, as pessoas, os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e missionários teus?”

O texto vai apresentar Maria como uma resposta privilegiada a estas perguntas. Antes disso dirá, porém, que encontramos Jesus na Palavra de Deus, na Liturgia (em especial na Eucaristia, sobretudo a dominical, e no Sacramento da Reconciliação), na comunidade de fé e amor, e em especial nos pobres e enfermos (cf. n. 246-257). Dará destaque também à piedade popular como importante lugar de encontro com Jesus (n. 258-265). E neste contexto, então, se encaixa o texto mariológico central de Aparecida (n. 266-272). O contexto, portanto, em que ele aparece não é neutro. Pelo contrário, nos deixa uma profunda mensagem para a compreensão da mariologia de Aparecida: Maria é lugar por excelência de encontro com Cristo. “Ela, reunindo os filhos, integra nossos povos ao redor de Jesus Cristo”, pois eles “encontram a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria” .

Passando ao conteúdo dos textos, parece-me que a principal contribuição de Aparecida para a reflexão mariológica é a explicitação de duas dimensões – que no fundo “são como as duas caras de uma mesma moeda” – do ser e da missão de Maria: seu discipulado e sua missionariedade. Em palavras do documento, ela é a “primeira discípula e grande missionária de nossos povos” . Vamos aprofundar agora um pouco mais neste conteúdo.

4.1 Maria, a perfeita discípula

A reflexão teológica sobre o discipulado de Maria vem ao encontro da perspectiva mariológica pós-Vaticano II. Os assim chamados “princípios limitativos” da mariologia (criatura, serva, peregrina, membro da Igreja), entre os quais considero que se deve elencar o ser “discípula”, complementam bem uma tendência anterior, cuja culminação chegou aos alvares do próprio concílio, de exaltação dos “princípios abertos” (eminência,

singularidade, conveniência, semelhança com Cristo). O Dicionário de Mariologia de Fiores/Meo, importante obra de referência para os estudos mariológicos pós-conciliares, publicado por primeira vez em 1986, já traz o verbete “discípula”, embora não o desenvolvesse como tema próprio, remetendo o leitor aos verbetes “crente” e “serva”.

Motivados pela temática da V Conferência alguns estudos recentes trouxeram à luz valiosas contribuições relativas ao discipulado mariano, como por exemplo, o livro “Maria, discípula de Jesus e mensageira do Evangelho”, do padre eudista Carlos G. Alvarez, publicado pelo CELAM em conjunto com a CNBB na “Coleção Quinta Conferência”. Também no Encontro Continental de Pastoral Mariana, os já mencionados estudos de De Fiores e Petrillo acentuam o discipulado de Maria, a partir, sobretudo, de uma perspectiva bíblica.

No Documento de Aparecida, pode-se afirmar esquematicamente, e sem pretensão de ser completo ou exaustivo, que Maria é perfeita discípula: porque é a primeira discípula de Jesus, porque o acompanha em toda a obra da salvação e porque inspira outros discípulos.

4.1.1 Porque é a primeira discípula de Jesus

Não só cronologicamente mas, sobretudo, “kairológicamente” Maria é a primeira discípula de Cristo. É a primeira historicamente e qualitativamente. Na ordem da criação e da graça. Os bispos em Aparecida a tratam não somente como primeira discípula, pois de fato foi “o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo”, mas também como a discípula mais perfeita, imagem perfeita da discípula missionária. Como vimos, o Documento de Participação já indicava que “em Maria encontramos todas as características do discipulado segundo o coração de Deus”.

Em três momentos o Documento de Aparecida destaca o caráter trinitário do discipulado de Maria, apresentando-a como “a máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de ‘filhos no Filho’”, pois seu vínculo de amor profundo com a Santíssima Trindade a leva a ser “a imagem esplêndida da conformação ao projeto trinitário que se cumpre em Cristo”. Recordamos, assim, “que a beleza do ser humano está toda no vínculo do amor com a Trindade, e que a plenitude de nossa liberdade está na resposta positiva

que lhe damos”. Ela é, desta forma, lugar de encontro e comunhão com a Trindade e com os irmãos: “Em Maria encontramos-nos com Cristo, com o Pai e com o Espírito Santo, e da mesma forma com os irmãos”.

A Sagrada Escritura é a primeira a testemunhar a vida de Maria como discípula de Jesus. Os exegetas destacam diferentes características do seu discipulado. O Documento de Aparecida fala, sobretudo, de sua “fé (cf. Lc 1,45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38)”, assim como de “sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51)”. Apresenta-a como “mulher livre e forte”, na busca própria do peregrinar da fé. Ela brilha diante de nossos povos como “imagem acabada e fidelíssima do seguimento de Cristo”, como sua discípula e “seguidora mais radical”.

Afirmando o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário, o texto ressalta a relação exemplar de Maria com a Palavra de Deus, citando o belo texto da Deus Caritas est (n. 41), de Bento XVI: Em Maria “a Palavra de Deus se encontra de verdade em sua casa, de onde sai e entra com naturalidade. Ela fala e pensa com a Palavra de Deus; a Palavra de Deus se faz a sua palavra, e sua palavra nasce da Palavra de Deus. (...) Estando intimamente penetrada pela Palavra de Deus, Ela pode chegar a ser mãe da Palavra encarnada.”

Já Paulo VI, em sua memorável encíclica Marialis Cultus (1974), aquela que rompeu o “decênio antimariológico” pós-conciliar havia destacado este discipulado exemplar de Maria, que “foi sempre proposta pela Igreja à imitação dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou ou, menos ainda, por causa do ambiente sócio-cultural em que se desenrolou a sua existência, hoje superado quase por toda a parte; mas sim, porque, nas condições concretas da sua vida, ela aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (cf. Lc 1,38); porque soube acolher a sua palavra e pô-la em prática; porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço; e porque, em suma, ela foi a primeira e a mais perfeita discípula de Cristo, o que, naturalmente, tem um valor exemplar universal e permanente.”

Sobre a base dos dados bíblicos e magisteriais podemos perceber a razão mais profunda de seu discipulado: sua íntima comunhão de vida e de destino com o Senhor.

Como verdadeira discípula, “concebeu Jesus primeiro no coração e depois em sua entranhas”, como também já tinha indicado Santo Agostinho. Os dados da revelação nos apontam a uma unidade profunda entre Maria e seu Filho. Em virtude da sua maternidade divina, Maria acompanhou Jesus em todos os momentos da sua vida: desde o ventre até à cruz, onde é constituída mãe dos discípulos de Jesus (cf. Jo 19,25-27). Após a sua morte, acompanhou o nascimento da Igreja (At 1,14), a fim de dar continuidade à obra do seu Filho.

4.1.2 Porque acompanha Jesus em toda a obra da salvação

O Documento de Aparecida situa Maria no contexto da história de salvação, da história da Aliança de Amor de Deus com a humanidade. Ela é a “interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana”, permanecendo fiel a este projeto de salvação no tempo de sua vida terrena e na eternidade: “viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança”.

Maria não é o centro, mas é colocada providencialmente por Deus no centro da história de salvação: “Com ela, providencialmente unida à plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), chega a cumprimento a esperança dos pobres e o desejo de salvação”. Tal apresentação se encontra em linha de continuidade com a compreensão eclesial sobre o lugar de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, que foi se revelando e desenvolvendo ao longo da tradição e da história da Igreja. Paulatinamente a teologia percebeu que a unidade íntima entre Cristo e Maria corresponde a um plano salvífico concreto de Deus. Já o Vaticano II afirmava que Deus, por designio providencial, constitui Maria como “generosa companheira” do Senhor, e “esta associação da mãe com o Filho na obra da salvação, manifesta-se desde a conceição virginal de Cristo até à sua morte”, fundamentando amplamente esta afirmação e mostrando que esta associação íntima se prolonga na eternidade.

A vida de Maria, portanto, foi totalmente voltada para Cristo. Tudo o que se fala sobre ela tem referência a Cristo. “A relação Cristo-Maria é a ‘relação axial’ em mariologia”. Em função desta união, em especial de

sua maternidade divina, ela foi concebida imaculada, permaneceu virgem e foi elevada à glória celeste. Existe uma predestinação mútua, perfeita e absoluta entre Cristo e Maria. Esta íntima unidade entre eles pode ser designada em alemão, com a expressão *Zweieinheit*, que significa “unidade a dois” ou “bi-unidade”. Quase poderíamos falar de “um único princípio de salvação” com dois pólos, visto que a salvação nos veio por Cristo, através de Maria. Um princípio salvífico “bipolar”, onde a desigualdade infinita entre os pólos deve ser salvaguardada, mas onde a bi-polaridade não pode ser negada. Deus poderia ter nos salvado sem Maria, mas quis fazê-lo através dela. “Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade.”

O sentido último do seu discipulado está, portanto, em seu lugar na obra da salvação. Ser uma “perfeita discípula” não foi algo accidental na vida de Maria, algo secundário, que podia se dar ou não se dar. Ser discípula corresponde ao núcleo essencial de sua vida e de sua missão, pois Deus ao pensar a encarnação de seu Filho, a pensou inseparavelmente unida ao sim e à pessoa de Maria. Certamente ela poderia ter falhado na realização desta missão, mas as escrituras nos confirmam sua fidelidade a esta atitude discipular. E se ela foi esta discípula e companheira inseparável durante a vida de Jesus, é compreensível que o “*sensus fidelium*” e a tradição da Igreja tenham percebido a consequência evidente: ela continuou como discípula e companheira do Senhor também na eternidade. Por isso Deus a assumiu em corpo e alma, como primícia da glória que está reservada a todo homem. Neste novo estado de vida ela continua ao lado de Jesus, como sua discípula e companheira permanente. Teologicamente ela é o cumprimento e a plenitude do discipulado cristão, pois já experimenta a plenitude da redenção e da glória reservada a todos os discípulos do Senhor, podendo ajudar na inspiração e formação desses discípulos.

4.1.3 Porque inspira discípulos

Em Aparecida os bispos constataram, com alegria, que Maria “tem feito parte do caminhar de cada um dos nossos povos, entrando profundamente no tecido de sua história e acolhendo as ações mais nobres e significativas de sua gente. Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a pre-

sença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã”. Por isso o documento fala da “companhia sempre próxima, cheia de compreensão e ternura” da Mãe de Deus na vida dos fiéis, que ainda hoje continuam sendo “guiados por” ela.

Maria, “discípula por excelência entre discípulos” ajuda, por seu exemplo, intercessão e poder educativo, “a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho”, nos mostra “o fruto bendito de seu ventre” e nos ensina “a responder como fez ela no mistério da anunciação e encarnação”, nos ensina “a sair de nós mesmos no caminho de sacrifício, de amor e serviço”.

Acompanhando a Cristo na eternidade, Maria recebe um lugar central no acompanhamento da Igreja, prolongação de Cristo, Corpo místico de Cristo. Puebla recorda que: “É mãe da Igreja porque é mãe de Cristo, cabeça do Corpo místico”. Sua relação à Igreja tem como fonte primária sua relação com Cristo. Como recorda Clodovis Boff: “Maria é toda relativa a Cristo e, a partir de Cristo, relativa à Igreja.” Ou nas palavras do Concílio: “Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja.”

Esta ligação à Igreja implica, portanto, um acompanhamento ativo, que tem a ver com sua “maternidade divina” e suas “singulares graças e funções”. Vai além do caráter tipológico ou exemplar. Seu discipulado se prolonga na eternidade através de sua cooperação ativa na geração e educação dos fiéis, como veremos mais adiante. Isto, longe de invalidar, justamente reforça o exemplo que Maria dá à Igreja na vivência das suas virtudes como discípula e companheira do Senhor. “Por isso, (os fiéis) levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos.”

O recente documento da CNBB relativo aos desafios do trabalho com a juventude, também aponta a Maria como “o grande modelo do seguimento”, pois “nela descobrimos todas as características do discipulado”. Ao descrever estas características o documento indica “a escuta amorosa e atenta (cf. Lc 1, 26-38), a obediên-

cia à vontade do Pai (cf. Lc 1,38), a fidelidade a ponto de acompanhar seu filho até a cruz (cf. Jo 19,25-27)”, e conclui apontando para o fato de que Maria também dá continuidade à missão evangelizadora de Cristo (cf. At 2). Este último elemento nos aponta para a segunda dimensão que queremos agora destacar: Maria é discípula que se faz missionária, dando continuidade à missão do seu Filho.

4.2 Maria, a grande missionária

Menos desenvolvido que o tema do discipulado tem se mostrado, na reflexão teológica, a missionariedade de Maria. Indiretamente encontram-se muitas referências, mas chama a atenção a escassez de estudos mais extensos sobre o tema. Por isso são valiosas as contribuições do Documento de Aparecida neste sentido. Em dois parágrafos Maria recebe o título de “grande missionária”. O n. 25, seguindo a expressão usada na Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, a apresenta como “estrela da evangelização renovada”, “primeira discípula e grande missionária de nossos povos”. O n. 269 desenvolve o conteúdo desta afirmação, explicitando melhor porque ela é evangelizadora e missionária: “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários.”

Inspirados nesta última afirmação, podemos reduzir a três respostas – de forma esquemática e sem pretensão de ser exaustivos – a justificativa de porque é correto, teologicamente falando e a partir do Documento de Aparecida, considerar Maria como missionária: porque ela coopera ativamente na realização da missão de seu Filho; porque ela recebeu uma missão: ser mãe de Cristo e dos seus discípulos; e porque ela é formadora de missionários.

4.2.1 Porque coopera ativamente na missão de seu Filho

Maria, como verdadeira discípula de Jesus, como membro da Igreja (mais: como membro “proeminente” da Igreja) possui a mesma missão de todo cristão: a continuação e atualização (anamnese) da missão de Jesus. A teologia pós-conciliar, especialmente confirmada pela Evangelii Nuntiandi, se refere a essa missão com o termo “evangelização”. Evangelizar é a primeira e mais essencial missão que Cristo confiou a sua Igreja.

O texto de Aparecida recorda que Maria cooperou na

realização do plano salvífico do Pai não só na encarnação e vida terrena de Jesus. “Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito (cf. At 1,13-14), ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária”. Porém sua colaboração na missão de seu Filho não termina ali. Ela é também “colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos”. Ela continua viva e atuante ainda hoje: “Maria Santíssima é a presença materna indispensável e decisiva na gestação de um povo de filhos e irmãos, de discípulos e missionários de seu Filho.”

Maria foi a companheira de Cristo em sua missão pastoral, e ao mesmo tempo se tornou cooperadora ativa na realização da obra redentora do seu Filho, tanto no tempo da sua vida terrestre como na eternidade, no tempo do Jesus histórico e da Igreja fundada por Ele. Aparecida aparece aqui em continuidade com o magistério pós-conciliar. A *Redemptoris Mater* caracteriza Maria como cooperadora do Senhor na obra da redenção. O uso vem da *Lumen Gentium* e está presente também na *Marialis Cultus* e em *Puebla*: “Maria, levada ao máximo na participação com Cristo, é íntima colaboradora de sua obra. Foi ‘algo inteiramente distinto de uma mulher passivamente remissiva ou de religiosidade alienante’ (MC 37). Ela não é apenas fruto admirável da redenção; é também sua cooperadora ativa. (...) Maria, por sua livre cooperação na nova Aliança de Cristo, é junto a ele protagonista da história. Por esta comunhão e participação, a Virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da Trindade, louvando a glória de Deus e intercedendo pelos homens.”

Vale recordar, neste contexto, que no n. 39 da *Redemptoris Mater*, João Paulo II mostra como “Maria tornou-se não só a ‘mãe-nutriz’ do Filho do homem, mas também a ‘cooperadora generosa, de modo absolutamente singular’, do Messias e Redentor”. Na sua peregrinação de fé “até aos pés da Cruz, foi-se realizando, ao mesmo tempo, com as suas ações e os seus sofrimentos, a sua cooperação materna e sponsal em toda a missão do Salvador”. E fundamenta esta cooperação no fato de que “ela mesma foi quem primeiro experimentou em si os efeitos sobrenaturais” da única mediação de Cristo ao ser prerredimida, saudada pelo anjo como “cheia de graça”. Então, afirma o Papa, “em virtude desta plenitude da graça e de vida sobrenatural, ela estava particularmente predisposta para a ‘cooperação’ com Cristo, único mediador da salvação humana.”

4.2.2 Porque recebeu uma missão: ser mãe de Cristo e dos seus discípulos

Maria é missionária porque recebeu uma missão. E esta missão é única e central na economia da salvação e da graça. Os bispos em Aparecida recordam esta realidade ao afirmar que ela “teve uma missão única na história da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu Filho até seu sacrifício definitivo. Do alto da cruz, Jesus Cristo confiou a seus discípulos, representados por João, o dom da maternidade de Maria, que brota diretamente da hora pascal de Cristo: ‘E desse momento em diante, o discípulo a recebeu em sua casa’ (Jo 19,27).” Ao pé da cruz, a maternidade divina se torna maternidade universal e espiritual sobre toda a humanidade.

No Documento de Aparecida, a dimensão mais destacada da missão de Maria é a sua maternidade. Ela é “mãe de Cristo e depois dos discípulos”. Tem uma missão maternal em relação a Cristo e aos seus discípulos. Logo no início do documento os bispos afirmam: “Maria, mãe de Jesus Cristo e de seus discípulos, tem estado muito perto de nós, tem nos acolhido, tem cuidado de nós e de nossos trabalhos, amparando-nos, como a João Diego e a nossos povos, na dobra de seu manto, sob sua maternal proteção”. Como mãe de Jesus e nossa, ela tem condições de formar Jesus em nós, ou seja, como “pedagoga da evangelização” ela nos educa a imagem de Cristo, nos ensina “a ser filhos em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser (cf. Jo 2,5).”

Embora a subentenda, Aparecida não fala explicitamente da “mediação materna” de Maria, tema de toda a terceira parte da *Redemptoris Mater* (RM 38-50). É importante, contudo, observar como é disso que se trata quando se fala da missão maternal de Maria em relação aos discípulos de Cristo. O Vaticano II se preocupou de explicitar a função materna de Maria em sua relação com a mediação de Cristo: “A materna missão de Maria a favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui esta mediação única de Cristo, mas até ostenta sua potência. [...] De modo algum impede, mas até favorece a união imediata dos fiéis com Cristo.” A RM também recorda, citando o concílio, que “esta função materna brota, segundo o beneplácito de Deus, dos superabundantes méritos de Cristo, repousa na sua mediação, dela depende inteiramente e dele auferir toda sua força.”

Referindo-se à reza do rosário, o texto conclusivo de Aparecida, cita o n. 1 da Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae e faz uma menção indireta ao poder intercessor da mediação materna de Maria, portadora de graça para os que acodem a ela, mas infelizmente não desenvolve mais extensamente este tema: “Mediante o Rosário, o cristão obtém abundantes graças, como recebendo-as das próprias mãos da mãe do Redentor.”

A missão de maternidade espiritual de Maria tem consequência direta na sua relação com a Igreja, de quem ela é modelo e instrumento de comunhão. É o que o Documento de Aparecida explicita no n. 268, que já mencionamos anteriormente: “Como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe, que confere “alma” e ternura à convivência familiar. Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. Um dos eventos fundamentais da Igreja é quando o ‘sim’ brotou de Maria. Ela atrai multidões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos. Por isso, como a Virgem Maria, a Igreja é mãe.” Maria une os homens a Jesus e entre si.

Puebla muda o acento de Maria como modelo para apresentá-la mais explicitamente como mãe, assumindo assim a intenção de Paulo VI ao proclamá-la como “Mãe da Igreja” ao final do Concílio. A missão mariana de mediação maternal é, portanto, mais que simples “intercessão”. Maria mãe é também educadora, “pedagoga do evangelho”, que “educa Cristo nos corações”. Este caráter educativo de Maria como mãe a coloca diante de nós como pessoa. Existe entre Maria e os discípulos de Jesus, seus filhos pela ordem da graça, uma relação pessoal de mãe para filho.

A mediação maternal de Maria se faz presença efetiva junto aos seus filhos espirituais. Esta é uma dimensão ainda pouco desenvolvida na reflexão mariológica. Aparecida não avançou neste aspecto, embora o indique em dois textos: “Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã”. E ainda: “Em nossas comunidades, sua forte presença tem enriquecido e continuará enriquecendo a dimensão materna da Igreja e sua atitude acolhedora, que a converte em ‘casa e escola da comunhão’”.

Caberia aqui um estudo sobre a presença de Maria na vida dos cristãos, o que ultrapassaria os limites deste trabalho. Valham aqui algumas breves indicações. René Laurentin, em seu clássico “Breve Tratado de Teologia Mariana”, ao comentar sobre as consequências da assunção de Maria, fala da sua atividade materna, marcada por um perfeito conhecimento dos seus filhos. Neste contexto se pergunta pelo agir de Maria, pois a mãe não apenas conhece, mas age: “Em que consiste a ação de Maria em favor de seus filhos? É uma questão difícil e discutida. Um ponto é certo: Maria exerce uma intercessão universal, uma intercessão viva que procede do amor.” Sua oração por livre disposição de Deus, tem eficácia verdadeira e universal. Seu amor é pleno de desejos que refletem em seu coração, cumulado de graças, os próprios desejos de Deus. Só Deus pode realizar os desejos de Maria para seus filhos, porém não devemos dissociar a ação de Deus da ação de Maria. Não conseguimos precisar o modo desta interpenetração de ações, mas parece que convém a uma mãe atingir os seus filhos “não apenas em intenção, mas realmente. E é também difícil explicar, de forma diferente, a experiência tão surpreendente e comum da ‘presença mariana’ na alma dos santos.”

Já José García Paredes, baseado no magistério, se atreve a discorrer sobre este delicado tema. Categoricalmente ele recorda que, na vida da Igreja, Maria não é uma lembrança, mas uma presença ativa, estimulante, materna, que encontra múltiplos meios de expressão em nossos dias, assim como ao longo da história da Igreja. Tal presença tem seu fundamento no mistério da assunção de Maria e na comunhão dos santos. “Maria, a primeira ressuscitada depois de Jesus, nele, com ele e por ele, Maria está presente em nós”, atuando em nós. Nela a ressurreição produziu cem por um. “Maria, primícia da Igreja triunfante está nela, com ela e em comunhão profunda conosco. A solidariedade para com aqueles que nos precederam no sinal da fé não é apenas uma ‘recordação’ e um ‘estímulo’ para a atuação, mas uma presença: a comunhão com os que morreram em Cristo está cheia de presença, de misterioso influxo mútuo. A experiência da presença de Maria é a prova mais generalizada. A nova Eva continua sendo a ‘mãe dos vivos’.”

Ainda em relação à missão de Maria como mãe dos discípulos de Cristo, ou seja, como Mãe da Igreja, outra contribuição valiosa do texto de Aparecida é a menção de uma “visão mariana da Igreja” como “o

melhor remédio para uma Igreja meramente funcional ou burocrática” . Aqui há uma ampla pista de reflexão que mereceria maiores aprofundamentos, na linha da eclesiologia de Urs von Balthasar, quem sugere um “princípio mariano” na Igreja. Na afirmação de Aparecida ressoa claramente um significativo texto do então Card. Joseph Ratzinger, comentando a eclesiologia profundamente mariana do Concílio Vaticano II: “A Igreja não é um aparato, não é simplesmente uma instituição (...) Ela é Mulher. É mãe. É viva. A compreensão mariana da Igreja é o contraste mais forte e decisivo a um conceito de Igreja meramente funcional ou burocrático. Nós não podemos fazer a Igreja, nós devemos ser Igreja (...). É somente sendo marianos que nos tornamos Igreja. Nas origens, a Igreja (...) nasceu quando o fiat brotou na alma de Maria. Esse é o desejo mais profundo do Concílio: que a Igreja desperte em nossas almas. Maria nos indica o caminho.”

4.2.3 Porque forma missionários

Não é raro encontrar a referência a Maria como “missionária” pelo fato de ela ser uma ajuda para os missionários, porque intercede por eles, porque é modelo para eles . Esta perspectiva também se encontra presente no Documento de Aparecida: “Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremecimento o mandato missionário de seu Filho: ‘Vão e façam discípulos todos os povos’ (Mt 28,19).”

Historicamente, Nossa Senhora de Guadalupe se tornou a primeira grande missionária do nosso Continente e formadora de missionários, começando por João Diego: “Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho a nossa América. No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde João Diego, o Pentecostes que nos abriu aos dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontram nela a inspiração mais próxima para aprenderem como ser discípulos e missionários de Jesus.” Neste sentido, Aparecida quer ser a plataforma de lançamento de uma grande continental universal: “Nossa Mãe querida, desde o santuário de Guadalupe, faz sentir a seus filhos menores que eles estão na dobra de seu manto. Agora, desde Aparecida, convida-os a lançar as redes ao mundo, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-los da luz da fé.”

Maria é modelo de compromisso profético e missionário com a realidade do nosso Continente, ajudando a dar soluções aos problemas da identidade da mulher e tantos outros problemas sociais. “O canto do Magnificat mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética.” . Ela é, portanto, “missionária ao serviço da vida, do amor e da paz” , oferecendo aos fiéis, e em especial aos sacerdotes, “força e esperança nos momentos difíceis”, estimulando-os “a ser incessantemente discípulos e missionários para o Povo de Deus.” Ela cria um “espaço espiritual que prepara para a missão” .

Afirmar que Maria “forma missionários” é tocar um tema muito fecundo na mariologia: a missão educadora de Maria na vida dos seus filhos. Maria tem uma pedagogia e educa os seus filhos: ela indica “qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, ‘sintam-se como em casa’ . Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida ao outro, especialmente se é pobre ou necessitado” (n. 272, grifo nosso). Como Joaquín Alliende explicitou de forma paradigmática em sua exposição no Encontro Continental no México, este é propriamente o campo da “pastoral mariana”, ou da pedagogia mariana. Neste ponto, a meu ver, a V Conferência desaproveitou uma oportunidade de avançar na reflexão, iniciada em Puebla , sobre a missão educadora de Maria junto a nossos povos. O tema teria merecido uma abordagem mais profunda, ainda mais se pensarmos nos dois encontros preparatórios a Aparecida, onde o tema da Pastoral Mariana foi amplamente desenvolvido.

Para não dizer que nada foi dito sobre o assunto, o n. 300, dentro do contexto da “catequese permanente”, balbuciou algumas indicações ao respeito. Ele recorda que, para o “crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo presente na piedade popular mariana.” Segundo Paul Vautier, inspirado em José Kentenich, o método pedagógico de uma autêntica pastoral mariana é fazer com que o amor a Maria conduza à imitação das suas atitudes. Em uma fórmula breve: da vinculação mariana à atitude mariana. O texto do documento de Aparecida aponta nesta direção, embora a redação esteja um pouco confusa: “Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira ‘educadora na fé’ que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressi-

va de suas atitudes.” Fica claro, então, que o vínculo de amor pessoal a Maria através da piedade popular deve conduzir o fiel a se assemelhar paulatinamente a Cristo, na medida em que ele vai assumindo as mesmas atitudes de Cristo.

O “assemelhar-se a Jesus” aqui indicado recorda a afirmação de Paulo VI no n. 57 da *Marialis Cultus*, quando fala da “multifacetada missão de Maria, em relação ao Povo de Deus”, como “uma realidade sobrenatural, operante e fecunda no organismo eclesial”, cuja finalidade é “reproduzir nos filhos as feições do Filho primogênito”. Parece-me que o Papa oferece aqui um princípio mariológico de essencial valor: a finalidade da ação-missão de Maria é “reproduzir nos filhos as feições do Filho primogênito”, em outras palavras: é fazer Cristo nascer novamente em cada cristão, é formar Cristo em nós.

José Kentenich, usando a facilidade do idioma alemão para criar neologismos, se referiu a esta realidade, dizendo que Maria é a *Christusgestaltete* e a *Christusgestaltende Frau* (a mulher formada por Cristo e que forma Cristo nas pessoas). Para ele, Maria é a criatura que encarna mais perfeitamente os traços de Cristo, porque Cristo a educou para ser o resplendor de suas glórias divinas e humanas. Maria é, portanto, a mulher inteiramente formada por Cristo (também no sentido de configurada a Ele) e, graças a isso, é imagem perfeita do cristão, já que ela, mais do que ninguém, está incorporada a Cristo e, mais do que ninguém, se assemelha a Ele: é a “cheia de graça” (plenamente redimida), possui a plenitude da vida cristã (fé, esperança e caridade) e da relação em Cristo ao Pai (filha do Pai) e ao Espírito Santo (cheia do Espírito Santo). Ela é também, e por isso mesmo – continua José Kentenich – a mulher que forma, que configura Cristo em nós. Como Mãe, O dá à luz em nós e, como Educadora, nos conduz à maturidade em Cristo pela força do seu exemplo, do seu amor e da sua intercessão.

Conclusão: Envio a um futuro mariano

O tema da V Conferência nos convida a sermos discípulos e missionários de Jesus. A Mãe de Jesus tem muito a colaborar conosco nesta tarefa. Em uma perspectiva mariológica, Aparecida representa uma grande oportunidade para conhecer melhor a realidade de Maria como perfeita discípula e grande missionária do Senhor. Foi o que intentamos neste breve estudo. O título de discípula tem recebido cada vez maior atenção por parte dos teólogos. Igual força deve ter também a referência a Maria como a grande missionária. Sua missão maternal está viva e operante hoje, especialmente nos nossos países latino-americanos e caribenhos. A vitalidade da piedade mariana precisa encontrar uma correspondência na mariologia latino-americana. Com alegria temos constatado um amplo esforço dos nossos teólogos neste sentido. Aparecida poderia, contudo, ter acolhido melhor este esforço, e ter avançado mais tanto na reflexão mariológica como na compreensão e aplicação de uma pastoral e a pedagogia marianas.

Entretanto, a V Conferência foi, como pudemos constatar, um acontecimento mariano. Em se tratando de um evento da Igreja latino-americana e caribenha, não poderia ter sido diferente! Desde sua convocação pelo Papa Bento XVI, passando pela sua preparação nos congressos mariológicos, pela atmosfera experimentada durante o seu desenvolvimento, e até chegar ao documento conclusivo, Maria esteve vivamente presente. O futuro de Aparecida precisa, agora, ser também igualmente mariano. A “grande missão” e o futuro do nosso Continente ou serão marianos ou não serão. Desde sua Basílica em Aparecida, Maria nos envia a esta missão.

Puebla já havia indicado que havia chegado “a hora de Maria”. Aparecida o repete, radicalizando: “Esta é a hora da seguidora mais radical de Cristo, de seu magistério discipular e missionário ao qual nos envia o Papa Bento XVI”. Suas palavras na Basílica de Aparecida devem continuar ressoando no coração dos nossos povos, para que possamos levar a cabo todos os desafios que a V Conferência nos aponta: “Permaneçam na escola de Maria!”

Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO [Daqui em diante = CELAM]. Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe: Documento de Participação. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005. p. 6.

P. Joaquín Alliente relata: “Eu estava em Roma quando a Presidência do CELAM levou ao Papa as propostas para a V Conferência. Estávamos hospedados na mesma casa enquanto se escrevia o papel com a lista das propostas. Na lista de lugares para a V Conferência não estava o Brasil. Na reunião de Lima, que antecedeu esta audiência com o Papa, não se citou em nenhum momento o Brasil. E isso porque já a primeira Conferência tinha acontecido no Brasil em 1955. Mas isso era arqueologia, não era história viva. E quando vão ao Papa, ele lhes diz que sim, que virá à América, mesmo em contra da opinião de muitos. Além disso, ele diz que a V Conferência vai acontecer, vai ter tal lema e tal tema, e vai ser no Brasil. Não só no Brasil, mas vai ser no santuário mariano de Aparecida. Seja qual for a razão, o fato é que a Conferência no México não foi em Guadalupe, foi em Puebla.” (ALLIENDE, Joaquín. Crise e renovação da Mariologia no pós-Vaticano II. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PASTORAL MARIANA, 2007, Belém do Pará. Belém: CCFC. 1 CD-ROM)

CELAM. Síntesis de los aportes recibidos para la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Bogotá: Publicaciones CELAM, 2007.

BENTO XVI. Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos na basílica do Santuário de Aparecida – Discurso (12 de maio de 2007). n. 1. In: CELAM. Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007 [Daqui em diante = DA]. p. 257-258.

Ibid, n. 1, p. 258.

Ibid, n. 6, p. 261.

Cf. JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. n. 43, p. 65. Cf. também: CELAM. Síntesis de los aportes recibidos para la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Bogotá: Publicaciones CELAM, 2007. n. 192, p. 98.

Cf. CELAM. Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1987 [Daqui em diante = DP]. n. 290, p. 156.

Cf. DA n. 269, p. 125.

BENTO XVI. Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos na basílica do Santuário de Aparecida – Discurso (12 maio de 2007). n. 1, p. 258.

BENTO XVI. Santa Missa de Inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na praça em frente ao Santuário de Aparecida – Homilia (13 de maio de 2007). In: DA p. 249-250.

DP n. 301, p. 160.

DP n. 303, p. 160-161.

Cf. as palestras, disponíveis em: <http://www.celam.info/component/option,com_weblinks/catid,46/Itemid,367/>. Acesso em: 24 out 2007.

Editado atualmente como livro: ALLIENDE, Joaquín. Para que nuestra América viva: María educadora de discípulos y misioneros. Santiago de Chile: Nueva Patris, 2007.

Cf. GARCIA PAREDES, J.C.R. María primera discipula y seguidora de Jesús, in: Ephemerides Mariologicae 47 (1997), p. 35.

Por problemas de saúde, a último momento, não pôde comparecer a Aparecida.

Para um estudo mais aprofundado destas teses: cf. ALLIENDE, Joaquín. Para que nuestra América viva: María educadora de discípulos y misioneros. Santiago de Chile: Nueva Patris, 2007. p. 24-82.

As palestras do Simpósio, até o momento ainda não foram editadas para o público em geral, tendo sido, contudo, enviadas em CD-ROM aos participantes do Simpósio e a todos os bispos brasileiros delegados à V Conferência.

CELAM. Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe: Documento de Participação. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005. n. 65, p.43.

Ibid, n. 64, p.43.

Ibid, n. 68, p.45.

Apesar de usarmos aqui esta nomenclatura, evitou-se conscientemente a expressão “Documento de Síntese”

para não dar a impressão de que se tratava de um “Documento de Trabalho”, com caráter vinculante. Trata-se apenas de um esforço de síntese dos ecos ao Documento de Participação, em um total de mais de 2.400 páginas de contribuições recebidas pelo CELAM. Cf. CELAM. Síntesis de los aportes recibidos para la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Bogotá: Publicaciones CELAM, 2007.

DA n. 268, p. 124.

DA n. 267, p. 124.

Se pensamos, por exemplo, na mariologia do Concílio Vaticano II, percebemos como o contexto literário importa muito para a compreensão do próprio texto. Como é sabido, incluir o texto mariológico dentro e ao final da Constituição Dogmática sobre a Igreja foi um passo inovador, polêmico e de profundo significado teológico.

DA n. 245, p. 115.

Cf. DA n. 265, p. 123.

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de conferência do Santuário de Aparecida – Discurso (13 de maio de 2007). In: DA p. 274-275: “O discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, se sente impulsionado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como as duas caras de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12).”

DA n. 25, p. 23.

DE FIORES, S.; MEO, S. Dicionário de Mariologia. São Paulo: Paulus, 1995, p. 410.

ÁLVAREZ, Carlos G. Maria discípula de Jesus e mensageira do evangelho. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2006.

Cf. DA n. 25, p. 23. Também: CELAM. Mensaje final de la V Conferencia a los pueblos de América Latina y El Caribe, n. 5. Disponível em: <<http://www.celam.info/content/view/509/47/>>. Acesso em: 30 out 2007.

DA n. 266, p. 124.

DA n. 266, p. 123; n. 1, p. 9.

DA n. 364, p. 167.

CELAM. Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe: Documento de Participação. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005. n. 65, p.43.

DA n. 266, p. 123.

DA n. 141, p. 75.

Idem.

DA n. 267, p. 124.

DA n. 266, p. 123.

Cf. DA n. 266, p. 124.

DA n. 270, p. 125.

Idem.

DA n. 271, p. 126.

PAULO VI. O culto à Virgem Maria: Exortação Apostólica Marialis Cultus. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974. n. 35, p. 37, grifo nosso.

CELAM. Síntesis de los aportes recibidos para la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Bogotá: Publicaciones CELAM, 2007. n. 364, p. 168.

“Maria, que desde o princípio se tinha entregado sem reservas à pessoa e à obra do Filho, não podia deixar de derramar sobre a Igreja, desde os inícios, esta sua doação materna. Depois da ‘partida’ do Filho a sua maternidade permanece na Igreja, como mediação materna: intercedendo por todos os seus filhos, a Mãe coopera na obra salvífica do Filho-Redentor do mundo.” (JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Redemptoris Mater, 5. ed. Santiago de Chile: San Pablo, n. 40, p. 85)

DA n. 266, p. 124.

Idem.

DA n. 267, p. 124.

Cf. Constituição Dogmática Lumen Gentium [daqui em diante = LG], n. 60. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 108.

Cf. LG n. 57-58, p. 106-107.

Cf. LG n. 59, p. 107-108.

A mariologia recente tem desenvolvido amplamente outras relações centrais da vida de Maria, como por exemplo sua relação com o Espírito Santo (G.M.Roschini, D.Beretto, H.Urs von Balthasar, L.Boff, X.Pikasa). Porém, permanece válido o princípio estabelecido claramente na Marialis Cultus, segundo o qual tudo o que se refere a Maria depende fundamentalmente do mistério de Cristo. (cf. AMATO, Pietro. Espírito Santo. In: DE FIORES, S.; MEO, S. Dicionário de Mariologia. São Paulo: Paulus, 1995, p. 454-470)

“Toda e qualquer outra relação que Maria tem (e ela se relaciona com todos os mistérios da fé e tem uma palavra a dizer sobre todas as realidades humanas), passa sempre pela relação com Cristo.” (BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 13)

LG n. 60, p. 108.

É o que nos indica a LG citando outros documentos magisteriais: “Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cfr. Ap19,16) e vencedor do pecado e da morte.” (LG n. 59, p. 107-108)

O original espanhol diz “rasgos”, ou seja, “traços”.

DA n. 269, p. 125.

DA n. 553, p. 246.

DA n. 554, p. 246.

DA n. 451, p. 203.

DA n. 272, p. 126.

DA n. 553, p. 246.

DP n. 287, p. 155.

BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 13.

LG n. 63, p. 109.

Cf. LG n. 63, p. 110.

LG n. 65, p. 110.

CNBB. Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. n. 58, p. 43. (Documentos da CNBB n. 85)

Talvez um dos poucos seja o livro de: GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. Maria evangelizada e evangelizadora. São Paulo: Loyola, 1990.

A S.Vicente Pallotti se atribui uma conhecida expressão, que destaca este caráter de Maria: “Ela é a grande missionária, Ela realizará milagres.”

DA n. 25, p. 23. Evangelii Nuntiandi [daqui em diante = EN] é um dos textos magisteriais mais brilhantes do século XX; chama a atenção, porém, o fato de que em um texto tão profundo e tão fundamental para a “evangelização no mundo contemporâneo”, Maria apareça uma única vez, no número final, no qual o documento é encomendado aos seus cuidados como a “estrela da evangelização sempre renovada” (cf. EN n. 82).

DA n. 269, p. 125.

PISO, Alfeu. Ver, julgar, agir: Ensaio de Teologia Pastoral. São Paulo: AM Edições, 1991. p. 9-23.

Cf. EN n. 14.

DA n. 267, p. 124.

Idem.

DA n. 524, p. 233.

O termo aparece 24 vezes sempre referido a Maria na sua relação com seu Filho. Mais precisamente: coopera (5 vezes), cooperação (11), cooperadora (2), cooperando (1), cooperar (1), cooperou (4). Uma única vez se fala da cooperação geral de todos os cristãos na obra salvífica (cf. RM 38), para em seguida aplicar esta cooperação a Maria.

Onde aparece seis vezes. MC 15, por ex., se refere a Maria como “alma cooperadora do Redentor”. MC 56 aponta como um dos fundamentos dogmáticos do culto a Maria “a sua cooperação nos momentos decisivos da obra da Salvação, realizada pelo Filho”.

DP n. 293, p. 157. Trata-se aqui da continuidade da opção tomada pelo Vaticano II no sentido de evitar a in-

sistência nos títulos de mediadora ou co-redentora. Falar de cooperação na obra da salvação transmite o conteúdo central da fé eclesial, evitando equívocos ou discussões teológicas ainda abertas.

Cf. RM n. 39, p. 83-84.

DA n. 267, p. 124.

DA n. 266, p. 124.

DA n. 1, p.

Idem.

LG n. 60, p. 108.

RM n. 22, p. 46; LG n. 60, p. 108; cf. RM n. 40, p. 84-86.

DA n. 271, p. 126.

cf. DP 295.

Cf. STRADA, Angel. Maria: um exemplo de mulher. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 1991. p. 164.

DP n. 290, p. 156.

MC n. 37, p. 39. “A figura da Virgem Santíssima não desilude algumas aspirações profundas dos homens do nosso tempo, e até lhes oferece o modelo acabado do discípulo do Senhor: obreiro da cidade terrena e temporal, e, simultaneamente, peregrino solerte também, em direção à cidade celeste e eterna; promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre o necessitado, mas, sobretudo, testemunha operosa do amor, que educa Cristo nos corações.” (MC 37) Cf. também o tema “Maria, pedagoga do evangelho”: STRADA, Angel. Maria: um exemplo de mulher. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 1991. p. 264-265.

Cf. RM 45.

DA n. 269, p. 125, grifo nosso.

DA n. 272, p. 126, grifo nosso.

LAURENTIN, René. Breve tratado de teologia mariana. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 163-165, em especial a longa nota 46, com citações de vários autores sobre esta presença de Maria, que – como o autor adverte – é muito diferente da presença criadora de Deus: “Deus nos faz existir na ordem da natureza e na da graça. Sem sua ação deixaríamos de existir. A presença de Maria nada opera de tão radical; ela é da ordem do pensamento, da intercessão e duma ação que nos dispõe a sermos melhores.”

GARCÍA PAREDES, José C. R. A verdadeira história de Maria: comentários à Redemptoris Mater. São Paulo: AM Edições, 1988. p. 50-60.

Cf. LG n. 62, p. 109; RM n. 40, p. 84-86.

Cf. LG n. 48-50, p. 97-102.

GARCÍA PAREDES, José C. R. A verdadeira história de Maria: comentários à Redemptoris Mater. São Paulo: AM Edições, 1988. p. 60. Sobre esta difícil temática cf. também MONTROYA, Francisco Umaña. María: sacramento y presencia. Cogua (Zipaquira): Ed. N.Sra. del Paraíso, 1993. Outra referência sugestiva para esta temática pode ser encontrada na interessante reflexão de A. Autran sobre a relação entre bênção e vida em Maria, portadora da graça e da vida: AUTRAN, Aleixo M. Maria na Bíblia. São Paulo; AM Edições, 1992. p. 193-198.

DA n. 268, p. 125.

Um valioso estudo em português sobre o tema se encontra em: LEAHY, Brendan. O princípio mariano da Igreja. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2007.

RATZINGER, Joseph. Die Ekklesiologie des Zweiten Vatikanums, p. 41.52 apud LEAHY, Brendan. O princípio mariano da Igreja. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2007, p. 231.

Cf. textos pastorais produzidos pelo informativo “Missão Jovem”, outras publicações das POM e comentários de congregações missionárias. “Maria foi a portadora de Cristo, e todo verdadeiro missionário deve ser também um portador de Cristo aos outros. Além disso, o Rosário nos dá a oportunidade de refletir sobre o mistério de Cristo, que é o centro do Evangelho que nós anunciamos como missionários.” (Entrevista ao Superior Geral dos Verbitas in: < <http://www.combonianos.org.br/index.php?refmenu=1&pag=149> > Acesso em: 17 fev 2007)

DA n. 364, p. 167.

DA n. 269, p. 125.

DA n. 265, p. 123.

DA n. 451, p. 203.

CELAM. Mensaje final de la V Conferencia a los pueblos de América Latina y El Caribe, n. 5. Disponível em: <<http://www.celam.info/content/view/509/47/>>. Acesso em: 30 out 2007.

DA n. 320, p. 146.

DA n. 272, p. 126.

NMI 50

Cf. DP n. 290, p. 156.

DA n. 300, p. 139.

Cf. VAUTIER, Paul. Maria, die Erziehrin. Vallendar: Patris, 1981. p. 198-200.

DA n. 300, p. 139.

Cf. MC n. 57, p. 53.

Cf. KENTENICH, Josef. Marianische Werkzeugsfrömmigkeit (Bearbeitet von Maria Freitag). Vallendar: Patris, 1974. p. 187-191. Também: VAUTIER, Paul. Maria, die Erzieherin. Vallendar: Patris, 1981. p. 164.

Basta com mencionar o excelente tratado de “Mariologia Social”, recentemente publicado pelo Frei Clodovis Boff: BOFF, Clodovis. Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. 728pp.

DP n. 303, p. 161.

DA n. 270, p. 125.